



# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## 8 – FELICIDADE E ESPIRITUALIDADE

**Marcos Arruda\***

“Felicidade é um polegar e um cobertor”.

Linus é um dos ícones do desenhista de Charlie Brown, Charles M. Schulz. Linus explicita duas condições sem as quais não há lugar para a felicidade: alimento e abrigo/acolhimento/carinho. Tal compreensão converge com a do Prêmio Nobel de Economia, o indiano Amartya Sen. Para ele o tema mais diretamente relacionado com o bem-estar é a liberdade. E o primeiro fator da liberdade, segundo ele, é estar livre de necessidades básicas para a sustentação da vida: alimento, saúde, saneamento, moradia, educação, trabalho, segurança e dignidade. Estes são também direitos humanos fundamentais.

Acesso sustentável às condições básicas para a sustentação da vida, e para o exercício da liberdade individual e social são também dois fatores de felicidade. Tais condições estão ligadas ao que hoje é um conceito de alcance universal: o Bem Viver. Veremos isto mais adiante. Olhando de perto o mundo de hoje, marcado por fantásticos e sempre mais acelerados avanços técnicos, lado a lado com desigualdades sociais e econômicas que privam a maior parte da humanidade daqueles direitos humanos fundamentais e, portanto, das condições básicas para realizarem sua felicidade, há que perguntar: quais os fatores sistêmicos deste paradoxo?

Abro esta reflexão pedindo licença para dar meu testemunho pessoal sobre os temas Felicidade e Espiritualidade. Pois sei que há

muitos trabalhos acadêmicos que tratam deles. E não são muitos os testemunhos de vida, em que a práxis de ambos os temas toca o coração, e não apenas a mente, de quem nos lê.

### FELICIDADE

Meu primeiro passo foi buscar a percepção de felicidade de algumas pessoas com quem convivo. Sim, com maior ou menor intensidade elas fazem parte da minha felicidade.

- Professora de Urbanismo: “Felicidade é sentimento de paz interior. É ser responsável pela coerência entre o que digo e o que faço. É conexão com meu ser profundo. É uma alegria permanente que vem do sentimento de congruência e inteireza. Neste estado de felicidade, tudo vira fonte de alegria, até mesmo a tristeza.”

- Doméstica: “Felicidade é eu estar de bem comigo mesma. É fluir e transmitir o Bom para o outro. O Bom é algo que toca o coração. É ter propósito, leveza, alegria. É saber substituir dor por paz interior, em mim e no outro. É sentir o coração do outro (empatia). Alegria é do momento. A felicidade mora dentro da gente.”

\* **Marcos Arruda** – Economista e educador do Instituto PACS, Rio de Janeiro, terapeuta social do CIT – Colégio Internacional de Terapeutas, facilitador da UNIPAZ e do Programa Educação Gaia. Colabora com a Rede Global Diálogos em Humanidade e a Rede Jubileu Sul. É associado ao Ashram-Ecovila Fazenda Plenitude (Vassouras) e ao Instituto Transnacional (Amsterdã). [marcospsarruda@gmail.com](mailto:marcospsarruda@gmail.com) [www.pacs.org.br](http://www.pacs.org.br)

- Músico: “Felicidade é juntar as alegrias com as tristezas que a vida traz, e conseguir tirar disto sentido para minha vida. É minha vida ter sentido.

- Cantora e compositora da África Ocidental: “Felicidade é minha família. Nela encontro aconchego, lar, porto seguro, força e determinação. A felicidade vem de dentro para fora. Por isso, posso estar triste e ser feliz. Alegria passa, felicidade fica.”

- Músico e compositor: “Há felicidades de curto e de longo prazos. A verdadeira felicidade cresce pouco a pouco e resulta das minhas ações e relações. Abraços, olhares, presença vão criando confiança e afeto. É assim que construo minha felicidade. O que a gente dá, a nós retorna. Daí vem a confiança dos outros. Felicidade é saber que podemos sofrer desgraças, mas tendo amigas e amigos de confiança vamos ter sempre gente nos ajudando. Adversidades pessoais e sociais (como as que o Brasil experimenta hoje) me afetam, sim. Devemos primeiro distinguir as que são de nossa responsabilidade e as que não são. Trabalhar para superar as que nascem de nós, e buscar forças, caminhos e companheirxs para cooperar na superação das que não são. Vivo constantemente com sentimento positivo. Mesmo quando erro estou em paz e sem sentir culpa. Procuo fazer minha parte.”

- Professora de Humanidades: “Felicidade é estar à vontade. É permitir-me usufruir de tudo que sou e de tudo que tenho ao meu redor. Apesar de tudo que causa ansiedade e que se impõe a mim. Eu sou muito emotiva e uso palavras que revelam minha raiva. A saída é transcender indo ao que me faz feliz, minha filha, meu companheiro, alguns bons amigos, livros, pássaros, Natureza. Coisas ruins me afetam, às vezes vários dias. É quando a felicidade parece se esconder. Mas sinto em mim que ela ainda está lá, em potencial, até aflorar outra vez.”

Destes depoimentos podemos extrair ex-

pressões – chave: ter o suficiente – comida, abrigo e segurança, – liberdade, paz interior, entendimento com o Outro, ser responsável, coerência, conexão, alegria permanente, congruência, inteireza, estar bem comigo, empatia, transmitir o Bom, leveza, mora dentro, sentido da vida, família, vem de dentro, felicidade fica, felicidade sensível ou escondida, em potencial.

Para mim felicidade é tudo isso. E acrescento alguns elementos mais. A felicidade é includente. Ela só acontece em mim se me engajo a colaborar com a felicidade dos Outros e Outras. Como sou um feixe de relações, tenho que cuidar para que cada uma seja saudável e gratificante. E isto só acontece se vivo em comunidade. Fazer que cada relação seja informada pelo espírito comunitário é uma condição da contínua edificação da minha felicidade. E isto não depende de ninguém além de mim próprio. Por isso, chamo a felicidade de Presença, que resulta de um processo de autoconstrução e autogestão. Voltaremos a isto ao falar de Espiritualidade.

Essa riqueza de definições de felicidade é necessária para iluminar esta reflexão. Mas definir felicidade não basta. Além do conceito, a questão que emerge é como alcançá-la, construí-la, realizá-la. A pergunta a responder primeiro, então, é: quais são as condições objetivas e subjetivas necessárias e suficientes para realizarmos em nós a felicidade.

Dois vetores confluem na tessitura da felicidade: um é o *bem viver* como objetivo pessoal, comunitário e social; o outro, a *autogestão* do desenvolvimento dos meus potenciais objetivos (sentidos do corpo, saúde física, aprender a gerar equilíbrio energético, apoiar o outro nesta busca), e subjetivos (sentidos da mente e do espírito, saúde mental, psíquica e espiritual, meu *empoderamento* para saber gerir minha própria felicidade e contribuir para a gestão da felicidade coletiva).

## BEM VIVER

O bem viver, durante milênios, tem sido um modo de vida característico dos povos originários. Nas décadas recentes, autores indígenas e outros têm sistematizado e divulgado a visão do bem viver enraizada nos povos andinos. Ela consiste no viver em comunidade, compartilhar necessidades e

abundância, afetos e conflitos, alegrias e tristezas, sabendo que contamos uns com os outros, contamos com todos os outros seres do território em que vivemos, e com nossos ancestrais. O bem viver implica numa crítica radical da monetocracia materialista do capitalismo (o domínio do dinheiro como valor maior) e do antropocentrismo hierárquico (o ser humano como centro, e acima de todos os seres) das abordagens mais conhecidas do socialismo. O paradigma da filosofia do bem viver é biocêntrico, ou seja, centrado na valorização e no cuidado da vida; e a relação de poder é participativa.

Os incêndios que estão destruindo uma parte da Floresta Amazônica, resultante de ações humanas como “o dia do fogo”<sup>1</sup>, ou a contratação por empresas estadunidenses de jagunços para atear fogo nas matas que contornam a Rodovia BR-163<sup>2</sup> são manifestações extremas do *mau viver*. São agentes de destruição de seres vivos – vegetais e animais – inclusive de humanos. O equilíbrio do Bioma Amazônia, a harmonia entre os seres da Floresta, a garantia da abundância de água para a vida do bioma e, mais além, para a conservação da vida no continente inteiro foram objeto de ecocídio<sup>3</sup> – depredação da nossa casa comum e assassinato de um sem-número de seres vivos que a habitam.

Tudo isto tem raiz nas emoções fundamentais do sistema centrado no indivíduo abstrato, no capital, no lucro – o egocentrismo, a ganância, a voracidade, a eterna insatisfação resultante da economia da escassez. O mais rico bilionário do mundo, Jeff Besos, com dezenas de bilhões de dólares de fortuna pessoal, é apresentado como “história de sucesso de quem trabalhou muito para construir esta fortuna”. Os que o glorificam desconsideram a longa cadeia de trabalhadoras e trabalhadores cujo trabalho, saber e criatividade foram fatores indispensáveis para tornarem real aquela fortuna. O sistema que promove a apropria-

ção privada dos meios de produzir bens e serviços propicia a distribuição desigual dos benefícios dessa produção e de todo o progresso técnico. De quantas vidas precisaria Besos para usar esta montanha de dinheiro? Se ele só tem esta vida para isto, porque não trabalhar por outro sistema econômico, que dê a todas e todos o direito da posse compartilhada dos meios de produção e do gozo, de forma justa e compartilhada, da riqueza gerada pelo seu trabalho?

É justamente o que pratica o sistema da Bem Viver. Emerge dele um conceito de riqueza que inclui “Pão e Beleza”. O vocábulo ‘economia’ em grego significa ‘gestão/cuidado da casa’. Que é mais importante na casa? As pessoas que moram nela! E como podem estas pessoas bem viverem? Tendo os bens e serviços *suficientes* para atenderem suas necessidades materiais, e um *ambiente afetivo, intelectual e moral* acolhedor, solidário e amoroso na esfera das relações. A economia de uma sociedade precisa das mesmas condições objetivas e subjetivas que as pessoas, famílias e comunidades que a compõem, para que estas possam realizar seus potenciais de felicidade. Pessoas felizes, sociedade feliz... e vice-versa.

A felicidade só é real se abrange o ser humano na sua integralidade. Por isso, ela é irreduzível aos aspectos que a constituem – consumo, não consumismo; bens e recursos suficientes, não excessivos; partilha do poder, dos bens para produzir e reproduzir a vida, e do saber; convivência pacífica e solidária entre humanos; harmonia com o mundo físico, não usufruto irresponsável; valorização do presente e da presença, dizendo não à cultura da acumulação e da competição para ter mais e ser maior que os outros. A estes se juntam as condições para o desenvolvimento dos sentidos da ética, da estética, da comunicação não violenta, do tempo como riqueza, do amor como acolhimento do Outro, como promoção da união e do encontro.<sup>4</sup> Somos felizes

<sup>1</sup> 300819 – <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/funcionarios-de-fazenda-dizem-que-gasolina-foi-utilizada-para-queimar-mata-no-para/8>

<sup>2</sup> 270819 – <https://theintercept.com/2019/08/27/amazon-rainforest-fire-blackstone/>

<sup>3</sup> “Ecocídio, crime contra o ambiente que coloca em risco a Humanidade”, em Rede Diálogos em Humanidade, 2017, “MANIFESTO: A Emergência da Cidadania Planetária”, p. 1. (<https://dialoguesenhumanite.org/meetup/594/manifesto-pour-urgence-de-la-citoyennete-planetaire-fr-eng-pr>)

<sup>4</sup> Leonardo Boff elabora sobre o amor como cuidado em “Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra”, Editora Vozes, Petrópolis, 2011.

Roberto Crema tem um livro inteiro sobre o amor como encontro: “O Poder do Encontro: Origem do Cuidado”, 2016, Unipaz, Brasília.

Carlos Rodrigues Brandão, em “Aprender o Amor: sobre um afeto que se aprende a viver”, 2005, Papirus, Campinas, SP nos mostra o amor como aprendizagem da união, do cuidado e do encontro.

quando aprendemos a desfrutar dos nossos talentos, das nossas relações, do que a vida nos traz cada dia, e do tempo que dedicamos ao que nos faz ser quem realmente somos.

É por tudo isto que chamo a felicidade de *atitude*. Ela existe no coração das crianças que usufruem de condições materiais, humanas e ambientais para evoluírem e aprenderem a desenvolver sempre mais plenamente seus potenciais físicos, mentais, psíquicos e espirituais. Isto inclui relações familiares e comunitárias harmoniosas e amorosas, alimentação saudável, aprendizagem da gestão dos cuidados consigo e com os outros seres de sua convivência. Mas a vida prossegue e, na proporção em que a criança se torna adolescente e adulta, ela assume crescente responsabilidade como gestora destas relações, a começar pela relação consigo mesma. Descobre que suas escolhas implicam consequências, e que ela é cada vez mais a responsável pela trilha que vai abrindo com seus passos. Descobre também que, para além do uso que faz da sua liberdade, chegam-lhe pessoas, fatos, eventos que estão fora do seu controle e que também contribuem para moldar sua existência cotidiana.

Aprender a acolher o que a vida lhe traz, a nadar e ao mesmo tempo fluir no rio da vida é um aprendizado de sabedoria e de felicidade. Combinar o fazer a boa escolha de cada momento com, ao mesmo tempo, o acolher com gratidão e alegria aquilo que a vida lhe traz, eis aí a difícil arte da sabedoria. Fazer a boa escolha é exercer o dom da sua liberdade. Acolher as alegrias, tristezas, tempestades e calmarias que a vida lhe traz é desenvolver a *equanimidade*. Como o mar em contínuo movimento, o coração equânime atravessa com confiança o bom tempo e as tempestades que lhe fustigam a superfície, enquanto mantém em paz e serenidade a profundidade do seu ser.

Não há por que assustar-se com a manifestação das sombras que também habitam nosso ser. Na verdade, somos ao mesmo tempo Luz e sombra, e seria preciso uma longa aprendizagem de como olhá-las face a face e conviver com ambas, enquanto nos educamos na arte de fazer a boa escolha de cada momento. A presença das sombras gera conflito e, em situações em que elas se tornam hegemônicas, um falso sentimento de alegria, ou mesmo de felicidade. Não foi o caso do governador atual do estado do Rio

de Janeiro, ao saber da execução do sequestrador de um ônibus? Ele gastou uma viagem de helicóptero para ir celebrar esta execução *in loco*, e chamou-a de “celebração da vida”. Precisamos afinar nossa sensibilidade para saber identificar as sombras, ainda quando se fantasiam de luz. E não só nos outros, mas a começar em nós mesmos.

A felicidade brota do diálogo, do entendimento, do acordo (“corações que convergem”), da união. Ela implica formas não violentas de comunicação. A contraviolência, gerada pela necessidade de autodefesa frente a certas formas de violência, é legítima aos olhos das diferentes féis e espiritualidades. Mas é difícil escapar das consequências dela no espírito humano. Assim como violência gera violência, gentileza gera gentileza. Uma é um círculo vicioso, a outra, um círculo virtuoso. É preciso examinar as experiências concretas de uma e de outra ao longo da história para desvelar as lições que elas ensinam. Volto-me aqui para a minha própria experiência para ilustrar um confronto com a extrema violência que resultou saudável, depois da mais brutal e dolorosa perplexidade. No caso, tratava-se de enfrentar a morte ou desapegar-me dela.

## DESAPEGAR-ME DO CORPO

Nos anos de chumbo da ditadura empresarial-militar, fui preso quando trabalhava como metalúrgico numa fábrica chamada Sofunge, no bairro da Lapa, em São Paulo. Ela pertencia à transnacional alemã Mercedes Benz.<sup>5</sup> Fui violentamente torturado para dizer onde e com quem eu morava, a fim de que a Operação Bandeirantes (OBAN) prendesse outros resistentes. A OBAN era um centro de tortura, assassinatos e desaparecimentos chefiado na época pelo Major Valdir Coelho e financiado por grandes empresas privadas, entre elas o grupo Ultra, de controle estrangeiro. Passei muitas horas no pau-de-arara, completamente nu, imobilizado e indefeso, recebendo choques elétricos, surras de palmatória, banhos de água para

<sup>5</sup> Ver Lina Penna Sattamini, 2000, “Esquecer? Nunca Mais! A saga do meu filho Marcos P. S. Arruda”, OR Publicações, Rio de Janeiro. Publicado em inglês, com acréscimos e mudanças editoriais, pela Universidade Duke, sendo o Prof. James N. Green o responsável pela edição.

aumentar a força dos choques, e violências morais que visavam atingir meu sentido de identidade e dignidade. Uma das falas dos capitães que comandavam a tortura era que eu era o culpado do que estava acontecendo. Se colaborasse, logo estaria solto. Cheguei a um ponto de quase-morte, o corpo se curvava com os choques, mas eu já não os sentia mais. Não saía mais som da minha boca, nem eu conseguia abrir os olhos. O corpo coberto de um suor frio, minha energia vital se exaurindo.

Foi quando o capitão tentou me persuadir a entregar colegas dizendo: “*Sua guerra acabou*. Se você colaborar vai acabar tudo isto e você logo vai estar livre para cuidar da sua vida.” Foi quando meu ser interior, no meio daquele terror quase fatal, se manifestou: “Minha guerra? Esta guerra não é ‘minha’, é de milhões de pessoas que recusam a ditadura e lutam pela liberdade, justiça e igualdade social, no Brasil, na América Latina, na Ásia e na África. Se somos milhões, eu posso morrer agora sem entregar meus companheiros, pois outros vão continuar a lutar, a resistir, a acreditar num mundo sem pobreza nem opressão.”

Esta percepção veio fortalecer de forma surpreendente minha decisão de não colaborar com aqueles agentes da morte. Senti que podia morrer em paz, como já tinham sido mortos tantas e tantos heróis. Senti que estava me desapegando do meu corpo. Isso ainda ficou ‘mais fácil’ porque, naquela condição, a morte seria o portal da minha libertação do terror de Estado que estava me torturando e matando. Minha vida terrena estava nas mãos deles, mas minha força de vontade para resistir estava em mim. Quando me levaram para o Hospital Geral do Exército, chamaram o capelão, que me deu a extrema-unção. E, um mês e meio depois, quando me levaram de novo para o centro de torturas, ameaçaram torturar minha amiga Marlene para me obrigar a falar. Não há tortura maior do que essa. Como eu continuava me recusando a falar o que eles queriam ouvir, depois de me espancarem saíram para a sala ao lado e cochicharam: “Que fazemos pra este filho-da-puta falar?” E o outro pontuou: “Ele não fala.” Senti que, na minha impotência, a *força* estava comigo, e não com eles! Hoje percebo que ali, naquela ante-sala do inferno, eu vivi uma profunda sensação de felicidade.

Todo apego é fonte de infelicidade. O apego gera o medo da perda, da carência, da privação. O apego cria amarras que nos prendem e impedem de voar. E só perdemos o medo da morte quando superamos o apego ao nosso corpo; e isto só conquistamos quando ganhamos consciência de que a morte não existe.

## ESPIRITUALIDADE

Ao longo da minha busca da felicidade fui descobrindo que ela está estreitamente ligada à espiritualidade. Ou seja, a felicidade é fruto do sentido que descubro e que dou à minha vida enquanto ser omnidimensional – constituído por uma complexa variedade de sentidos, atributos, talentos e dimensões. Sou responsável por desenvolvê-los de forma autogestionária e, ao mesmo tempo, solidária com a de outros seres vivos e conscientes.

A felicidade tem duas dimensões. Uma, a relativa, que é sujeita à comparação entre diferentes pessoas. “Ruth era mais feliz que Sarah”. A outra, absoluta, que pode ser plena para sujeitos diversos. “Talvez por ter chegado a esta idade provecta, sou feliz!” Mas há um complicador. A felicidade que pertence ao campo subjetivo pode ser informada por energia positiva ou negativa. A felicidade que provém da atitude de colaborar para a felicidade alheia é carregada de energia positiva. A autoproclamada felicidade do governador do Rio de Janeiro, que celebrou em nome da vida a execução de um sequestrador de ônibus que usava arma de brinquedo, manifesta as energias do ódio e da morte.

Como posso ser feliz diante de uma ordem social marcada pela opressão, a desumanização e a naturalização da violência e da morte? Como pode ser saudável minha relação com a Consciência Superior se nutro o sentimento de infelicidade, queixa e ressentimento frente às negatividades que prevalecem na realidade das e dos cidadãos do Brasil e do mundo de hoje?

Espiritualidade, para mim, é minha relação com a Consciência Superior. Posso afirmar hoje que a espiritualidade que vivencio no meu cotidiano é condição indispensável da minha felicidade. Para que vocês, que me leem, entendam o que estou dizendo, lhes

peço paciência para ouvirem como minha espiritualidade evoluiu.

## UM DEUS TOTALITÁRIO

Nasci nos anos 40 no Rio de Janeiro. Recebi lições de catecismo nos colégios que frequentei – primário no Externato Coração Eucarístico, de freiras belgas e brasileiras, e secundário no Colégio Zaccaria, de uma congregação italiana. Aí me foram inculcados os dogmas que me condicionaram na parte mais influenciável da minha vida. As emoções que acompanhavam esses dogmas eram o medo, a culpa e o ressentimento. Medo de pecar, de ter prazeres considerados pecaminosos, de ser julgado e condenado por um deus exterior a este mundo, pousado nas nuvens, de onde ele, masculino, velho e barbudo, vigiava cada pessoa a fim de punir quem não estava cumprindo “seus” mandamentos. Medo de seguir minha natureza, de transgredir e provocar a ira e a vingança daquele deus totalitário. Cada ato de transgressão, desde alguma leve mentira até a masturbação, vinha acompanhado de um aflitivo sentimento de culpa, que só era apaziguado depois de eu ajoelhar no confessionário e dizer ao padre que eu havia pecado. Culpa por ter transgredido as leis de deus, culpa por ter seguido minha natureza sensual, culpa por ter escolhido o prazer em lugar do sacrifício. A imagem que marcou este período da minha vida religiosa foi o crucifixo – Jesus torturado e assassinado na cruz pelos judeus de então e por todos e todas que escolhemos outro caminho que não seja o da renúncia, da abnegação, da obediência e do sacrifício.

Esta mitologia, hoje tão distante da Consciência Suprema que dá origem e sentido à minha e a toda forma de Vida, foi agravada durante o ano de meio que passei no Noviciado jesuíta em Itaiçi. A separação dos meus pais, quando eu tinha entre 9 e 10 anos, provocou em mim um profundo trauma – eu acreditava que, se o casamento é para sempre, a separação resultaria na inescapável condenação deles ao inferno. Por isso, decidi sacrificar o melhor da minha vida tornando-me sacerdote. Minha saída da vida religiosa também foi tormentosa. O mestre de noviços tentou me convencer de que voltar a ser leigo seria renunciar à graça da vocação. Ou seja, eu estaria pecando e teria que arcar com esta culpa. Foi preciso

um tempo de trabalho interior, meditação e conversa com outros padres e com um dos meus colegas até que senti a paz que buscava para partir.

Um primeiro despertar espiritual ocorreu quando escolhi participar da Juventude Universitária Católica, durante meus estudos de Geologia. Dois fatores foram determinantes. Um, o desabrochar da consciência crítica sobre as causas da opressão e da exploração social inerentes ao sistema do “livre mercado”. O outro, a leitura de livros do geólogo e místico jesuíta Pierre Teilhard de Chardin. Na JUC iniciei uma profunda transformação da minha visão de mundo. Tendo crescido numa família conservadora e udenista, fui descobrir na universidade e na JUC que a pobreza não era um fenômeno aleatório ou obra de um deus rigoroso punindo almas de mérito inferior. Era, sim, o resultado de uma sociedade dividida em classes ou categorias diferentes de cidadãos e cidadãs – os “vencedores”, que podiam viver sem trabalhar, pois se apropriaram dos meios de produzir bens e serviços e da riqueza gerada pelo trabalho social, e os “perdedores”, privados da propriedade dos bens produtivos, inclusive a terra, e condenados a trabalhar para terem direito a viver. No caso da maioria, reduzidos à mera sobrevivência física. Ou seja, a pobreza e sua reprodução é o resultado do modo de organização da economia e das leis que a legitimam. Esta compreensão da História abriu minha consciência para entender também a razão de ser da tentativa de golpe contra a posse do vice-Presidente João Goulart quando o então Presidente Janio Quadros renunciou; e para me posicionar contra o golpe empresarial-militar de 1964, apoiado pelo governo e corporações, sobretudo, as mineradoras e os bancos de base estadunidense.<sup>6</sup> Como poderia eu ser cristão fiel aos princípios do Evangelho senão me opondo ativamente a esta ordem antidemocrática, que dava sustento às estruturas que promoviam a opressão, a exploração, a alienação e a subserviência aos interesses das empresas e do Estado de outro país?

<sup>6</sup> Ver o documentário “Um dia que durou 21 anos”, dirigido por Camilo Tavares, com base na pesquisa dos documentos divulgados pelo governo dos Estados Unidos relativos ao envolvimento militar, financeiro e político desse país na preparação e implementação do golpe de 1964, e na manutenção da ditadura.

## AFLUENTES DE UM MESMO RIO

Naqueles anos universitários, alinhei minha fé cristã ao meu compromisso como profissional da Geologia, lutando pela soberania do Brasil sobre seu território e suas riquezas naturais, e sobre seu destino como Nação; e lutando pelo fim de todas as formas de exploração das pessoas e de opressão social, o que só seria realizável através da democratização da economia e da política. Curiosamente, foi o ultra-reacionário diretor da Escola Nacional de Geologia que contribuiu para consolidar meu compromisso com a luta pela democracia e pela soberania nacional e popular. O fato é que ele espalhou na escola o boato de que eu era “comunista”. Ele conhecia minha história religiosa, mas sua posição como diretor de uma grande mineradora alemã – a Mannesmann Mineração<sup>7</sup> – o impedia de aceitar a ideia de um Brasil socialmente justo, industrializado e dono das suas riquezas. Pensei comigo: “se como cristão e geólogo estou lutando por estes ideais e sou chamado de ‘comunista’, vou ler sobre o comunismo para entender por que ele seria tão ‘mau’ assim.”

Tal pesquisa, sobretudo as leituras de Karl Marx, me introduziram à compreensão do papel das contradições, da natureza dialética da História humana, do pensamento crítico e da ação consciente pela transformação da economia, da política e da cultura. A JUC também nos estimulou a ler documentos sobre a doutrina social da Igreja. Eram tempos do grande Papa João 23, do Concílio Vaticano II e do Sínodo de Medellín, cujos documentos marcaram profundamente a história do catolicismo, e estiveram na raiz da Teologia da Libertação. Nos nossos dias, esta perspectiva libertadora ganha novo alento na pessoa extraordinária do Papa Francisco!

Teilhard de Chardin entrou na minha vida antes da minha graduação como geólogo. Eu estava buscando compreender como as ciências geológica e biológica apresentavam evidências cabais da história evolutiva do Universo, da Terra, e da vida, ao passo que a Igreja Católica insistia no criacionismo bíblico como única maneira de entender o aparecimento da espécie humana na Terra. As leituras que fiz de obras de Teilhard

abriram minha consciência para a compreensão de que a História evolutiva da vida na Terra também segue um caminho dialético: a evolução do menos para o mais, do material para o espiritual responde ao princípio da vida e da consciência – “estofa da Matéria” – que anima e é inerente à própria matéria. Para Teilhard a evolução tem um sentido que lhe é dado pela vida sempre mais consciente, através de crescente complexificação e diversificação, personalização e socialização, conscientização e convergência. Este entendimento da natureza evolutiva da vida e do ser humano descortinou um novo sentido para a minha espiritualidade. E me permitiu discernir o papel da espiritualidade na nossa *libertação* dos egos da separatividade, dos bloqueios, da redução à mediocridade, e do desamor, seja na esfera pessoal, seja na interpessoal e na coletiva.

O sentido de que falo tem a ver com a visão *panenteísta* de mundo. Aprendi este termo com o teólogo Leonardo Boff, que o explica a partir da crítica da visão *panteísta*, que postula que cada coisa que compõe o mundo é deus. Encontrei expressões desta visão na África, mas também no Butão. Caminhando com um economista butanês numa região montanhosa coberta de floresta, pedi que ele me explicasse a fé do povo do Butão. Ele fez a seguinte consideração, que resumo aqui com minhas palavras.

“Nosso povo é profundamente budista. Mas ao mesmo tempo, ele entende que todos os seres e todas as coisas são mais que portadoras de espírito. Montanhas, florestas, árvores são deuses. Uma variação disso é ver em tudo a presença de um ser divino. Panteísmo, no primeiro caso, que na mente do nosso povo convive com a filosofia budista.”

O *Panenteísmo*, por sua vez, significa presença e manifestação do Divino no interior de tudo. Esta percepção revolucionou minha vida espiritual. Eu havia me afastado dos dogmas e do patriarcalismo da Igreja Católica desde que me separei da primeira esposa, ainda nos anos 60. Mas os fundamentos evangélicos do Cristianismo continuaram vivos em mim. Ao mesmo tempo, meu coração se abriu para acolher outras formas de espiritualidade, reconhecendo nelas a mesma motivação – a busca do sentido superior da nossa existência na Terra.

<sup>7</sup> Atualmente, Vallourec-Mannesmann Mineração, de base francesa.

Mesmo durante meu ativismo em favor da democracia e da liberdade e contra a ditadura, iniciei-me na yoga, nas artes marciais do Oriente (T'ai Chi e Karatê), e na leitura de autores do Budismo, do Taoísmo e, mais tarde, do esoterismo e da espiritualidade andina da rede Nación Pachamama. A vivência da prisão durante a ditadura sacudiu minha visão de mundo. A tortura na OBAN – Operação Bandeirantes – em 1970 foi para mim uma experiência de quase-morte, como contei acima. Recolhido ao Hospital do Exército em São Paulo, depois de muitas horas de choques elétricos e golpes, fui dado como agonizante e recebi a Extrema Unção. Esses momentos me proporcionaram a vivência da Presença – a clara percepção do Divino em mim.

Uma das psicoterapias que fiz ao longo dos anos acrescentou um componente importante à mística libertadora da minha existência: a Bioenergética, com a psicoterapeuta Ann Bowman. Ann havia sido curada da cegueira pelo Dr. Arthur Janov, e era tão talentosa que o Dr. Janov a tomou como sua assistente durante anos, até que ela se mudou de San Francisco para Washinton D.C., onde eu morava como refugiado. Ann combinava o trabalho com o corpo e com a psique, usando a respiração profunda e a concentração como caminhos para a abertura do inconsciente. Foi com ela que tive, como efeito secundário da terapia, a experiência da abertura dos meus olhos para a sacralidade da Natureza. Depois de uma sessão particularmente reveladora e emocional, saí do consultório de Ann com a impressão de haver perdido um véu que cobria meus olhos. Andei pelas ruas encantado com a beleza do céu, tocando as árvores, acariciando as folhas, agradecendo a Vida por tantas maravilhas. Desde pequeno eu fui amante da Natureza. Fui um escoteiro apaixonado e, anos depois, não por acaso escolhi a Geologia e a Oceanologia como profissões. Mas agora eu sentia na Natureza, como nunca, a Presença do Divino.

Anos depois, vivi um novo “salto quântico” na minha espiritualidade. Posso resumi-lo como o sentimento de que tudo está interconectado, que para além da diversidade que caracteriza o Cosmos existe uma misteriosa Presença interior a tudo, comum a tudo, que unifica tudo sem destruir o único de cada ser. Manifesta-se aqui a essência do unificar e harmonizar. Descobri, então, o

sentido profundo do conceito Teilhardiano de “amorização” – agir para transformar o que é naturalmente solidário em união livre e conscientemente escolhida; e acolher a Outra pessoa como autenticamente Outra, e não uma mera projeção dos meus desejos e carências. É este desapego de mim e esta gratuidade na relação com a Outra pessoa (família, comunidade, povo, espécie, planeta) que me torna sujeito do amor incondicional.

A leitura de um livro me levou a uma espantosa revelação. Até então, eu me sentia morada ou templo do Divino. Isto me havia libertado da necessidade de estar em alguma igreja ou lugar sagrado para ter contato com o Divino. Ela-Ele era uma Presença constante na minha vida cotidiana, porém enquanto Alteridade. Isto não impedia que o meu lado de sombra se manifestasse, desafiando minha consciência e abalando qualquer traço de orgulho ou vaidade. Daí veio o aprendizado de pedir perdão a quem eu magoo e buscar reparar a mágoa. A leitura daquele livro, porém, me revelou o que eu chamo de minha verdadeira natureza – mais do que morada do Divino, sou um *quantum espiritual* do Divino. Se Ela-Ele é Unidade da Diversidade, trago em mim uma dimensão do meu ser que é divina. Por isso, não teve princípio nem terá fim; como quantum do Divino, existe desde sempre. E esta dimensão faz de mim ‘filho’ do Eu Sou, da mesma forma que Jesus Cristo é Filho do Eu Sou. Com este novo olhar, tenho relido os Evangelhos – inclusive os Apócrifos – descobrindo nos ensinamentos de Jesus uma mensagem para além da que herdei da Igreja: Jesus não veio mostrar-Se a nós como um Ser Superior, infalível e inatingível, mas sim revelar-nos que nEle convivem o Divino e o humano... e em nós também. Ele veio despertar nossa consciência para quem somos de fato, de onde viemos e qual é a nossa verdadeira natureza, ao mesmo tempo humana e divina.

Desvendar nossa dupla natureza – material e espiritual, humana e divina, alteridade e autoridade, condicionada e livre – é o desafio maior de nossas vidas. Para o Divino somos outros (alteridade) e, ao mesmo tempo, “partes”, “parcelas”, “quanta” dEla-dEle próprio (autoridade, Eu Sou). Nossa vida espiritual consiste num diálogo entre essas duas dimensões de nós próprios. Ou, como sugere Teilhard, tendemos, enquanto pessoas, seres/criaturas em

contínua e sempre mais consciente evolução, a uma crescente personalização, socialização, espiritualização e amorização.

Estas revelações me levaram à seguinte conclusão. Quanto mais eu e nós “frequentarmos”, – através da atenção, da intenção, do foco, da convivência consciente, da meditação, e do serviço (*koinonia*) – a dimensão divina do nosso ser individual e coletivo, mais preparados estaremos para desapegar-nos do nosso próprio corpo, quando chegar a hora de fazermos a grande passagem para a Luz.

## A EVOLUÇÃO DA VIDA NÃO PARA NA HUMANIDADE

A Espiritualidade é a forma que cada pessoa desenvolve em si mesma de se relacionar com a Consciência Superior. Qualquer nome que se queira dar a Ela é menos importante do que o *sentimento* de conexão da pessoa com Ela. A religião geralmente demarca fronteiras, inclui uns e exclui outros, afirma dogmas e doutrinas que se tem que acreditar como condição de pertencimento. Sou associado ao Ashram Ecovila Plenitude, uma comunidade intencional organizada como associação sem fins de lucro e com governança autogestionária, igualitária e matrística. Assim como muitas outras ecovilas criadas em contextos culturais os mais diversos, acolhemos diferentes formas de espiritualidade, embora parte das pessoas associadas sigam o caminho da Yoga Integral, no estilo herdado de Sri Aurobindo e da Mãe Mirra.

Em 2003 publiquei o primeiro livro de uma trilogia, intitulado “Humanizar o Infra-Humano”. Senti-me atraído a estudar as convergências do pensamento de três autores antecipatórios: Karl Marx, Teilhard de Chardin e Sri Aurobindo. Uma dessas convergências está no fato de os três serem estudiosos do futuro. Marx intuiu a humanidade pós-capitalista e pós-socialista, na qual os laços de solidariedade, apoio mútuo e partilha da abundância, vividos no espaço dos territórios locais, prevaleceria sobre as práticas comerciais e monetárias, e os benefícios do aumento da produtividade, gerados pelo trabalho emancipado de toda a sociedade, seriam convertidos em mais tempo livre para o autodesenvolvimento e o florescimento das relações humanas e com a natureza.

Teilhard visualizou um processo de transição da humanidade para o que chamou de Ultra-Humano. Esta transição resulta da evolução da geosfera à biosfera, e desta à Noosfera – o novo órgão cósmico resultante da conexão das mentes e espíritos de cada pessoa, formando uma teia de consciência reflexiva, capaz de se unificar crescentemente num movimento de co-criação e de realização dos seus potenciais de complexificação e convergência. A percepção da Noosfera por Teilhard se aproxima do conceito de Akasha da cultura indiana – a memória da Humanidade, o éter preenchido de in-formação e em contínua expansão. Ou, o inconsciente de Carl Jung. Tenho trabalhado um conceito algo diferente do de Jung, definindo a Noosfera como a Consciência Coletiva da Humanidade. Aurobindo viu a História como um processo (r)evolucionário que vai do Infra-Humano ao Humano e ao Supra-Humano, como bem resume a Mãe Mirra Alfassa, parceira espiritual de Aurobindo (abaixo). Permito-me expressar o Ultra-Humano, ou o Supra-Humano, como o estágio em que prevalece a Economia do Amor: do acolhimento do Outro enquanto autêntico Outro na comunhão, da solidariedade, da partilha, da abundância para todas e todos, da autoestima, da humildade, da gratuidade, da plena espiritualidade, e da felicidade recriada no Eterno Agora de cada momento.

Mas a reflexão sobre estas noções e dimensões eu deixo para outro artigo.

*“A humanidade não é o último degrau da criação terrestre. A evolução continua e o ser humano será superado. Cabe a cada indivíduo saber se deseja participar do advento dessa nova espécie.*

*Para aqueles que estão satisfeitos com o mundo como ele é, Auroville obviamente não tem motivos para existir.”*

*“Humanity is not the last rung of the terrestrial creation. Evolution continues and man will be surpassed. It is for each individual to know whether he wants to participate in the advent of this new species.*

*For those who are satisfied with the world as it is, Auroville obviously has no reason to exist.”*

The Mother, 1966

Alguns livros de Marcos Arruda:

